

Sobre os rastros e registros do nome. Os Bins em Porto Alegre: negócios e família na segunda metade do século XIX

About the traces and records of the name. The Bins in Porto Alegre: business and family in the second half of the 19th century

Jessica Bitencourt Lopes

Doutoranda em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

jessicabitencourt@outlook.com

Recebido em: 18/04/2023

Aprovado em: 14/02/2024

Resumo: Alberto Bins foi uma personalidade ilustre da indústria e política gaúcha. Seu nome e sobrenome, além de indicar uma importante avenida localizada no centro de Porto Alegre/RS, pode nos revelar aspectos da dominação e do poder na capital gaúcha, como o perfil das elites políticas e econômicas e os conflitos que marcaram o período de início da república até os anos finais da Era Vargas. Contudo, o sobrenome Bins tem uma existência social anterior a Alberto, pensando nisso, e na preocupação de se compreender a construção do poder político-empresarial dessa personalidade da história do Rio Grande do Sul, o presente artigo parte de uma investigação dos rastros e registros do sobrenome Bins, especialmente em inventários *post-mortem*. Dessa forma, esta pesquisa pretendeu investigar a história dessa família imigrante, suas estratégias, composição e as articulações de capitais econômicos, sociais e culturais que elevaram o sobrenome Bins a um espaço de poder tanto no ambiente político, como no espaço empresarial.

Palavras-chaves: Família; Poder; Porto Alegre/RS.

Abstract: Alberto Bins was an illustrious personality in Rio Grande do Sul industry and politics. His name and surname, in addition to indicating an important avenue located in the center of Porto Alegre/RS, can reveal aspects of domination and power in the capital of Rio Grande do Sul, such as the profile of the political and economic elites and the conflicts that marked the beginning period of the republic until the final years of the Vargas Era. However, the surname Bins has a social existence prior to Alberto, thinking about it, and in the concern to understand the construction of the political-business power of this personality in the history of Rio Grande do Sul, this article starts from an investigation of the traces and records of the surname Bins, mainly in *post-mortem* inventories. Thus, this research intended to investigate the history of this immigrant family, its strategies, composition and articulations of economic, social and cultural

capitals that elevate the Bins surname to a space of power both in the political environment and in the business space.

Keywords: Family; Power; Porto Alegre/RS.

Considerações iniciais

O Major Alberto Bins deixou seu nome registrado na política municipal de Porto Alegre, ao mesmo tempo, também se estabeleceu como um nome de poder no universo empresarial que circulava a capital gaúcha na Primeira República e Era Vargas. Na política, seu nome está atrelado à modernização urbana ocorrida na capital enquanto fora prefeito, nos negócios está relacionado à fábrica Berta, à Varig, ao Sindicato do Arroz e ao Centro de Indústria Fabril do Rio Grande do Sul. As trajetórias política e empresarial de Alberto Bins estão entrelaçadas, configurando-o como um mediador entre esses dois espaços de poder na Porto Alegre republicana da primeira metade do século XX.

Contudo, o nome Alberto Bins não foi associado historicamente ao poder político e empresarial gaúcho por conta do acaso, mas como resultado da articulação de diferentes capitais que foram incorporados por esse sujeito, e também construídos e convertidos a partir das relações estratégicas que agregavam os negócios e a família. Partindo disso, pretendendo compreender os capitais herdados por Alberto, este texto pretende recuar o cronológico e analisar a família Bins na segunda metade do século XIX em Porto Alegre.

Tendo como fio condutor o nome familiar, essa pesquisa chegou a rastros e registros dos indivíduos, que quando sobreposto e articulados a demais bibliografias e fontes relacionadas ao contexto, revelam estruturas invisíveis que são construídas pelo grupo familiar. Partindo de uma análise baseada nas propostas de historiadores como Carlos Ginzburg, Carlo Poni (1989) e Giovanni Levi (2000), essa pesquisa buscará apresentar um grupo teuto porto alegreense, que se converterá no século XX a uma elite empresarial, a partir dos vestígios dos movimentos, entrelaçamentos e rompimentos de um grupo familiar.

Concordando com Rodrigo Weimer (2012) que os prenomes e sobrenomes são além de rastros a serem perseguidos e que refletem relações de poder, e partindo das considerações de Zonabend (2005) que investiga os nomes para além do recurso metodológico onomástico, mas como um objeto possível e que tem muito a nos dizer sobre as relações sociais, o presente texto também busca nas suas entrelinhas apresentar o nome como um símbolo de pertencimento,

como um meio de identificar, classificar e significar socialmente um indivíduo ou um grupo, a partir do qual pode-se compreender as origens geográficas, sociais e parentais dos sujeitos.

Para balizar essa análise, tem-se como base os pressupostos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu que entende que o espaço social é caracterizado pela desigual distribuição de capitais e que não é organizado hierarquicamente de forma linear e piramidal. Dessa forma, entende-se que a posição social ocupada por um indivíduo, grupo ou família, é dada pelo volume e composição de diferentes capitais – econômico, simbólico, cultural e social, os quais são convertidos, articulados, reproduzidos e recompostos pelos agentes no interior da estrutura social.

Mathias e Elisa Bins: presença teuta em Porto Alegre

Em 1886 a porto-alegrense Elisa estava em Wiesbaden juntamente com seu marido Joseph Mathias, que naquele momento buscava em seu continente natal tratamento de saúde. Elisa já havia cruzado o atlântico anteriormente, tendo em vista que dois de seus filhos, Helena Antônia e Frederico, haviam nascido na região entre 1874 e 1875. Mesmo brasileira, a relação de Elisa com o território alemão era bastante próxima. Foi de lá que seus pais, irmãs mais velhas e marido saíram anos antes, e era lá que desde 1881 seus filhos mais velhos, Alberto e José Carlos, residiam. Tendo em vista essa proximidade verificada entre os Bins com o continente europeu pós migração, percebe-se que a ideia de família não era apenas o núcleo formado no território brasileiro, mas que os vínculos e a rede de apoio com a família extensa permaneciam e que as viagens internacionais era uma realidade conhecida desse grupo familiar.

Em uma manhã de outubro de 1886, Elisa já em Porto Alegre solicitou a abertura do inventário de seu marido, falecido em abril daquele ano durante a viagem. Mathias fora sepultado em sua terra natal, Merl, “onde usando cartolas festivas, aglomeravam-se os vinicultores em torno da sua sepultura” (FAUSEL, [1957/1958 ?], p. 2).

Elisa nasceu Sehl. Filha de Johann Sehl e Anna Margaretha Kallfelz, que desembarcam no Brasil entre 1844 e 1847 acompanhados de suas duas filhas, Catharina e Gertrudes, nascidas respectivamente em 1842 e 1844, na província de Merl. Elisa, nascida em 1847, é a primeira filha brasileira do casal imigrante.

De acordo com as memórias de Alberto Bins (FAUSEL, [1957/1958 ?]), o casamento de Mathias com Elisa em 1862 gerou uma desavença na família Bins, que não se agradaram com o

casamento do herdeiro, que agora vivia do outro lado do Atlântico, com uma moça de família operária. Contudo, os sobrenomes Bins, Kallfelz e Selh são naturais e conhecidos em Merl, povoado que fica nas encostas dos morros que cercam o Rio Mosela, entre Trier e Koblez, atualmente um distrito da cidade de Zell. Analisando a genealogia da família de Elisa, encontra-se inclusive um matrimônio entre Bins e Kallfelz, registrado por volta de 1645, indicando que as famílias possuíam relações históricas naquele pequeno espaço geográfico.

Ellen Woortmann (1995) analisando os arranjos familiares entre os colonos do sul, salienta para o fato de a escolha do cônjuge não ser essencialmente individual, mas que o posicionamento e a decisão da família são muito importantes para que se mantenha a rede familiar em funcionamento. No caso de Elisa e Mathias, a família do noivo opina na decisão matrimonial mesmo que ele já não mais resida na casa, ou mesmo no continente natal. Pode-se presumir que esse não seja um caso único, e que a interferência da família extensa era presente entre alguns teutos mesmo pós emigração, especialmente entre os conhecidos como “burgueses imigrantes”, que trazem junto consigo uma especialização profissional e um certo capital financeiro e familiar.

No mesmo ano em que o ex- Brummer¹ Josefh Hörmeyer publica em Koblez uma espécie de manual para informar e orientar possíveis imigrantes sobre as reais oportunidades no Rio Grande do Sul², 1854, Mathias Bins embarcou em direção ao Brasil. Sete meses depois, com 22 anos e uma deficiência física na coluna, Mathias chegou sozinho em Porto Alegre.

Ainda que formasse cidadãos leais e nacionalistas, a Alemanha ainda não unificada não garantia condições materiais e perspectivas para os jovens, o que fazia com que a emigração fosse uma alternativa viável (SILVA, 2005). Os problemas nas transmissões do patrimônio das famílias grandes, o desemprego e demais transformações sociais causadas pelo processo de industrialização, levava constantemente os jovens de famílias da aristocracia agrária à proletarização ou a uma carreira por vezes indesejada, como a militar ou religiosa (WOORTMANN, 1995). Nesse contexto, atraídos pela ideia da rápida ascensão econômica-social, pela possibilidade de construir seu nome em uma sociedade menos rígida, ainda em construção e amparados por uma política de imigração, milhares de sujeitos emigraram

¹ Brummer foi um grupo de mercenários germânicos contratados pelo Império brasileiro em 1851 para atuar principalmente na Guerra contra Rosas (PIASSINI, 2016)

² *Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Südbrasilien mit besonderer Rücksicht auf deren Kolonisation*, traduzido posteriormente para: O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional

para o Rio Grande do Sul. Chegaram em famílias, sozinhos, adultos, crianças, com diferentes religiões, ideias e profissões, uma heterogeneidade desmedida, cada um com sua história, suas particularidades e suas objetivos (ROCHE, 2022; GERTZ, 2010).

Em Merl o Rio Grande do Sul e suas cidades como Porto Alegre e São Leopoldo, assim como demais regiões ao redor do Rio do Sinos e do Rio Caí, não eram desconhecidas. Um número expressivo de jovens merlenses emigraram para o sul Brasil na segunda metade do século XIX. Entre esses, chamam especial atenção os irmãos Friederich e os irmãos Kroeff.

Da família Kroeff, os primeiros a migrar foram os irmãos Miguel e Lourenço, que chegaram no Rio Grande do Sul em 1846. Anos depois, em 1854, chega o irmão Jacob, juntamente com a esposa Thekla, nascida Scheid, e seus filhos Jacob e Amália (LUZ, 2010). Já a imigração dos Friederich inicia duas décadas depois. Em 1872 Josef Friederich migra e se assenta no Rio de Janeiro, três anos depois, seu irmão mais velho Miguel também deixa a terra natal, porém acaba por se fixar-se no Rio Grande do Sul, e logo é seguido por dois irmãos mais jovens, Jacob e Jacob Aloys, que chegam respectivamente em 1882 e 1884 (SILVA, 2005, p. 40).

A bibliografia e fontes até o momento apresentaram pouco sobre a família Bins além da árvore germinada em Mathias. Analisando a origem do sobrenome, encontra-se uma região denominada Binsfeld, de onde possivelmente o ramo familiar surgiu séculos antes. Sabe-se que Mathias era filho de Isabel e José, e também que tinha um meio irmão chamado Peter Steffens, possivelmente filho apenas da mãe, já que não utiliza o sobrenome paterno Bins que pela cultura nominal deveria ser paterno. Este irmão migrou para o Rio Grande do Sul em 1859, porém reingressou para Merl em 1881, juntamente com seus sobrinhos Alberto e José Carlos (FAUSEL, [1957/1958 ?], p. 2). Sabe-se também que assim como a família Friederich, a família de Mathias também se dedicava a atividade viticultora que movimentava a economia das vilas em torno do Rio Mosela (SILVA, 2005).

É possível que as famílias, Bins, Kroeff e Friederichs se conhecessem e mantivesse algum vínculo mesmo antes da imigração, assim como, é possível que relato dos primeiros irmãos Kroeff emigrados, contando suas experiências e conquistas no Brasil tivessem incentivado Mathias a cruzar o Atlântico. Não se encontrou nenhuma fonte que confirme esse fato, entretanto, analisando a bibliografia sobre a imigração e a trajetória de outros imigrantes, é provável que Mathias não tenha chegado a Porto Alegre por acaso, mas entusiasmado pela propaganda e pelas histórias dos conterrâneos que habitavam e prosperavam no solo gaúcho.

Com isso, pode-se conjecturar que mesmo chegando sozinho ao Brasil, Mathias contava com uma rede de apoio e sociabilidades entre os jovens merleses já emigrados.

Mesmo os solteiros — os que vinham “por sua conta e risco” — integram-se numa migração que é feita em rede. Famílias de imigrantes chamavam outras; indivíduos das mesmas localidades na Alemanha acabavam sendo novamente vizinhos; da mesma forma agiam os indivíduos que tivessem imigrado sozinhos (SILVA, 2005, p. 53).

No século XIX Porto Alegre é uma capital repleta de imigrantes. No centro da cidade circulavam portugueses e espanhóis que séculos atrás começaram a ocupar o território gaúcho envolvidos nas disputas fronteiriças. Os africanos escravizados, resultado da imigração forçada, compulsória do tráfico atlântico e que compunham cerca de 51,06% da população porto-alegrense em 1814 (WEIMER, 1991). Os alemães que por meio de um projeto imperial de colonização, começaram chegar em diversas levas a partir das primeiras décadas do século XIX, mesmo motivo que trouxe os italianos mais para o final do século.

Em 1856 Porto Alegre contava com cerca de 1260 imigrantes alemães (GANS, 2004). A cidade encontrada por Mathias Bins na sua chegada em 1854 não pode ser chamada de uma Porto Alegre alemã, visto que eles eram apenas uma parcela dos residentes, mas pode ser dito que esses dominavam o centro comercial da cidade (BAKOS, 1996).

Rowita Gans, catalogando os alemães em Porto Alegre entre 1850 e 1889, conclui que:

Tanto as informações obtidas através da base de dados quanto os relatos de contemporâneos apontam, pois, no sentido de que a maior parte dos teutos estabelecidos em Porto Alegre conquistou um bom padrão de vida. Se de fato muitos eram provenientes das camadas sociais mais baixas na sociedade alemã (*aus den untersten, verkommensten Stände*; tradução: das camadas mais baixas e decadentes), então deve ter ocorrido uma ascensão social destes, já que não é expressivo o número de alemães pobres catalogados.

A primeira associação germânica, *Gesellschaft Germânia*, surgiu 1855, apenas um ano após a chegada de Mathias Bins. A partir disso, uma série de associações sociais, profissionais e esportivas da comunidade étnica³ surgiram nos próximos anos. Em 1863 a Sociedade Leopoldina, *Gesellschaft Leopoldina*, em 1867 a Sociedade Alemã de Ginástica, *Deutscher Turnverein*, em 1885 o Clube dos Caixeiros-Viajantes, *Musterreiter Club*, em 1888 o Clube de Remo, *Ruder Club* e em 1896 o Clube de Tênis, *Clube Walballa* (BRAUN; BLUME, 2022). Essas associações além de

³ Entende-se que etnia não diz respeito apenas a origem de nascimento ou a questão biológica, mas que é uma construção social que surge a partir das relações de poder entre as identidades culturais, históricas e políticas, logo, que elas são fluidas, se transformando no tempo e espaço (POUTIGNAT. STREIFF-FENART, 1998)

constituírem um espaço de lazer, se constroem como espaços de sociabilidade e mutualidade que transpassam as diferentes esferas da vida, como a familiar e os negócios.

Na Rua da Praia n.º. 238- 240, que mais tarde no inventário de Mathias Bins, fora descrita como um sobrado com cinco portas, cinco janelas e sacada, estava a alfaiataria do ex-brummer Frederico Haensel⁴, local onde Mathias se empregará ao chegar em Porto Alegre. O casamento de Haensel abriu a ele novas possibilidades nos negócios do sogro Nicolau Hasslocher, o que pode ter contribuído na decisão de oferecer a venda da sua alfaiataria a seu até então funcionário Mathias. A transação foi efetuada após um conselho familiar em Merl que mesmo descontente do casamento de Mathias com Elisa, decidiu dar crédito ao negócio do jovem imigrante (FAUSEL, [1957/1958 ?], p. 2).

Tabela 1: Filhos de Elisa e Mathias Bins

Filhos de Elisa e Mathias Bins		
Nome	Nascimento	Falecimento
Alberto Bins	16 de fevereiro de 1863	6 de abril de 1869
José	27 de abril de 1865	25 de maio de 1869
Carlos Bins	30 de dezembro de 1866	05 de janeiro de 1867
Bertha Bins	27 de maio de 1868	31 de maio de 1870
Alberto Bins	2 de dezembro de 1869	20 de abril de 1957
José Carlos Bins	25 de janeiro de 1871	?
Elisa Bins	Aproximadamente 1872	?
Otto Bins	Aproximadamente 1874	29 de setembro de 1891
Helena Antônia Bins	9 de janeiro de 1875	?
Frederico Bins	15 de fevereiro de 1876	6 de setembro de 1956
Rodolpho Bins	24 de julho de 1879	7 de setembro de 1956
Anna (Paula) Bins	13 de junho de 1880	?
Olga Bins	19 agosto de 1881	22 de fevereiro de 1981
Odília (Otília) Bins	12 de dezembro de 1883	23 de abril de 1912

Fonte: Construída pela autora tendo como base o cruzamento de dados do inventário de Joseph Mathias Bins e dos registros genealógicos amparados por fontes na base FamilySearch⁵. Agosto de 2022.

Nove meses após o casamento de Elisa e Mathias, nasce o primeiro filho do casal que foi batizado Alberto. Após esse, o casal teve mais três filhos que não sobreviveram a primeira

⁴ Além de comerciante, Frederico Haensel foi diretor da Companhia Fluvial e na política foi um agente na defesa da ampliação dos direitos políticos dos colonos imigrantes. Foi nomeado Vice-Cônsul da Prússia em Santa Cruz em 1867 e como integrante do Partido Liberal foi Deputado Provincial do Rio Grande do Sul pouco antes da Proclamação da República. Foi assassinado no pátio de sua casa em novembro de 1892 enquanto era escoltado pela polícia após uma ordem de prisão a vários federalistas (PIASSINI, 2016).

⁵ Nesse levantamento foi levado em considerações apenas os registros que continha fontes históricas anexadas como registros de nascimento, batismo, casamento e óbito. Há na árvore genealógica da família registros que não foram possíveis verificar por meio de fontes.

infância, Carlos, José e Berta, falecidos com respectivamente com 3 anos, 7 dias e 2 anos. Em abril de 1869 falece, conforme o registro de óbito de angina gangrenosa, Alberto com 6 anos de idade. Menos de dois meses depois, José também falece com 2 anos da mesma doença que pode ser associada a uma infecção bacteriana nas amígdalas. Em dezembro daquele mesmo ano, 8 meses após a primeira perda familiar, nasce um próximo filho que também foi nomeado Alberto.

A prática de nomeação de repetir o nome de um filho falecido no próximo, vista como frequente entre teutos imigrantes por Ellen Woortmann (1995, p. 210), se repete poucos anos depois, quando em 1871 Elisa dá à luz a outro filho homem, o qual nomeia José Carlos, unindo o nome do filho falecido em 1865 ao do filho falecido em 1867. Para felicidade da família Bins, os segundos filhos nomeados Alberto e José Carlos chegariam à idade adulta, entretanto, o casal ainda teria outra perda.

Com 17 anos, Otto Bins faleceu devido a febre tifoide em 1891⁶. Seu irmão homem mais próximo no quesito idade era Frederico, naquele momento com 15 anos. Nascido 9 anos após o falecimento de Otto, o primeiro filho de Frederico com a esposa Brunhilde Clementina Becker, é nomeado Otto Guilherme, indicando uma possível homenagem ao irmão, repetindo a prática nominal da família em relação ao uso do nome dos entes falecidos.

Outra prática de nomeação bastante comum e percebida na família Bins é a nomeação das crianças com os nomes dos padrinhos e madrinhas. O registro de batismo de José, nos informa que ele fora apadrinhado pelo tio José Sehl. Não foi possível localizar o registro de batismo de Carlos, com o falecimento ocorrido poucos dias após o nascimento, a família pode não ter tido tempo de registrar o batismo, entretanto, Elisa também possui um irmão Carlos, indicando que possivelmente esse assumiria o apadrinhamento desse terceiro filho. No registro de batismo Anna Paula é nomeada apenas Anna, assim com o a madrinha Anna Scheid?, a qual nesse momento não foi possível identificar. Contudo, no inventário do pai, o nome Paula é acrescentado ao prenome Anna, indicando que após o batismo houve informalmente a adição. Caso semelhante acontece com Otilia que é registrada Odília conforme o nome da madrinha Odília Sehl, que também não foi possível identificar na árvore familiar. No próprio inventário, assim como no inventário do pai, seu nome é assinalado como Otilia, e nos registros memorialísticos da família Gerdau (ASSIS.TEIXEIRA, 2001, p. 131), na qual se insere a partir do

⁶ APERS, Acervo do Judiciário, Porto Alegre, Juízo de Orphãos, Ação Judicial de Inventário, Processo nº101, f. 92. Ano: 1887. Inventariado: Mathias Joseph Bins. Inventariante: Elisa Bins.

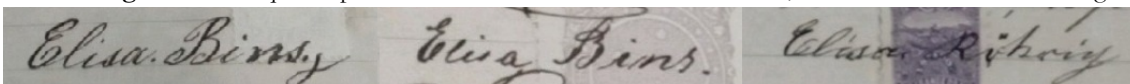
casamente, ela é citada pelo apelido Tilly, que talvez fosse a forma mais recorrente a se referir a ela, caindo seu nome de batismo em desuso.

Analisando a família materna de Elisa, nota-se a prática de dar a filha o nome da mãe está presente a algumas gerações. Seguindo o nome de solteira, a tataravó de Elisa de chamava Margaretha Josen, a bisavó Margaretha Menten, a avó Anna Margaretha Thielsen e a mãe Anna Margaretha Kallfelz. A mãe de Elisa rompeu essa tradição, não nomeando nenhuma de suas filhas nem como Anna e nem com Margaretha, mesmo que devotos ao catolicismo, uma descontinuação semelhante às encontradas por Sergio Nadalin e Alain Bideau (2005) ao pesquisar a práticas de nomeação entre os teutos luteranos, que imprimem nos nomes dos filhos a nova realidade vivenciada pelas famílias. Porém Elisa, não só deu seu nome para sua primeira filha, como também nomeou uma delas como Anna, resgatando duas práticas de nomeação da família materna, nomear uma das filhas com o nome da mãe e o uso do prenome Anna. Enquanto a imigrante Anna Margaretha Kallfelz descontinuou a prática nominal ao cruzar o Atlântico, a descendente nascida brasileira a retomou.

Entre 1894 e 1895 Elisa, agora com cerca de 47 anos, contrai segundo matrimônio com Balduino Röhrig⁷, prática bastante comum entre as viúvas de famílias de elite. Jaqueline Silva (2014, p. 96) mostra que as viúvas das classes mais abastadas eram dispostas a um segundo casamento, pois, mais maduras, dotadas de algumas riquezas e de certa liberdade, elas poderiam escolher um novo par por si só, liberdade que muitas vezes não tinham no primeiro matrimônio.

Deixando o status de viúva para assumir novamente o título de mulher casada, Elisa perde o sobrenome Bins, o qual usou pelas últimas duas décadas e passa a assinar como Elisa Röhrig⁸.

Figura 1: Da esquerda para a direita- assinaturas da Elisa Bins mãe, Elisa Bins filha e Elisa Röhrig.

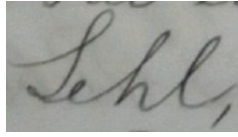


Fonte: APERS. Inventário de Mathias Joseph Bins. 1887.

⁷ Balduino Röhrig chegou em Porto Alegre por volta de 1865 e em 1869 instalou na Rua da Praia um estúdio de fotografia e artes plásticas, onde se destacou como profissional do ramo (DAMASCENO, 1971). Röhrig consta como presidente em 1885 na galeria de presidentes do Colégio Farroupilha, onde pode-se encontrar seu retrato.

⁸ Encontrou-se o registro do inventário de Elisa no APERS, contudo, ao solicitá-lo foi verificado que o mesmo não se encontrava mais no arquivo, pois foi retirado para integrar um processo não identificado pelo sistema. Analisar esse inventário teria sido interessante para observar o como a mulher administrou o capital que herdou de Mathias e aquilo que poderia ou não ter conquistado a partir do segundo matrimônio. Não se encontrou um inventário de Balduino Röhrig.

Figura 2: Grafia do sobrenome Sehl



Fonte: APERS. Inventário de Mathias Joseph Bins. 1887.

Na imagem acima percebe-se que a Elisa mãe faz um pequeno sinal após o Bins ao assinar seu nome. Analisando as diferentes grafias do inventário de Mathias, inclusive a de Elisa, entende-se que o símbolo é uma referência ao “S” de Sehl. Esse padrão na assinatura de Elisa poderia ter como objetivo diferenciar sua assinatura a da filha, que na imagem assina um ponto após Bins. A imagem também mostra a assinatura de Elisa já com o sobrenome Röhrig, onde nada a identifica com o sobrenome Sehl ou Bins, ou seja, “Pode-se-ia dizer que a mulher não *é*, mas *está* numa família, sempre em função de um homem (WOORTMANN, 1995, p. 207)”, diferente dos homens que carregam o sobrenome das casas a que pertencem do nascimento até a morte.

A prática nominal da mulher perder o sobrenome da família e de um primeiro casamento ao contrair segundo matrimônio, traz uma série de problemáticas não só para os historiadores pesquisadores, mas para os documentos correntes daquele período, visto que a mulher acaba por mudar sua identidade nominal diversas vezes durante a vida. Um exemplo disso é a que na plataforma FamilySearch, estava registrado duas Elisas, uma Bins e outra Röhrig, além disso, as fontes confundem a mãe com a filha trazendo um cruzamento e anexação equivocada dos documentos.

Enquanto o prenome é relevante no interior dos grupos de familiares, no âmbito público é o sobrenome, representando as conquistas e características de um tronco familiar, que dita o espaço do sujeito dentro da estrutura de poder e suas articulações possíveis. Assim, no próximo título irá se analisar especialmente os negócios vinculados ao sobrenome familiar.

O tecido, o vinho e as ações: o capital econômico e social da família Bins

Pierre Bourdieu compreende a existência e relevância do capital econômico, constituído pelo conjunto de recursos financeiros e materiais de um indivíduo ou grupo, porém questiona a centralidade desse capital na organização da estrutura social e classificação dos sujeitos. Ele argumenta que outros capitais, que muitas vezes podem vir interligados ao capital econômico, também são essências para organização do poder. O capital social, formado pelas relações, redes de interação, influência e cooperação, é um deles.

A alfaiataria Bins foi o mais relevante capital que Mathias Bins deixará para seus filhos. Esse comércio além de garantir o capital econômico da família, construiu-se também como um espaço e ocupação útil para o capital social dos Bins. Como alfaiate, Mathias atendia uma importante clientela e construía contatos pra além da comunidade étnica. Foi a partir de sua profissão que Mathias ficou próximos de políticos da capital, se tornando inclusive amigo de Júlio de Castilhos.

Matias José Bins, alfaiate estabelecido na Rua das Andradas, possuía grande e distinta clientela. Entre esta, o Dr. Júlio de Castilhos, que seguidamente o ia visitar e com ele conversar. A política era, no geral, o tema que os reunia e prendia horas a fio. A amizade de Castilhos deu a Matias José Bins certo relevo, de que ele, inteligente, soube aproveitar, sem abusar, pois, continuou pelos anos afora o mesmo modesto cidadão que jovem viera da Alemanha e aqui casará com a Dona Elisa Sehl (SPALDING, 1973, p. 19).

Ao analisar a lista dos credores da alfaiataria⁹ notamos que além de personalidades locais como o professor Bibiano Francisco de Almeida, ela tinha como clientes um grupo distinto das elites do estado. Entre os teutos, chama especial atenção Germano Hasslocher¹⁰, advogado, Promotor Público e Deputado Federal de 1900 a 1911, e Emmerich Berta proprietário da metalúrgica E. Berta & Cia, que posteriormente foi adquirida por Alberto Bins. Contudo, além deles há uma série de nomes relacionados as famílias Friedrichs, Sehl, Koch, Kallfelz, Adams, Becker, Selbach, Thielsen e Trein, todos elas envolvidas em empreendimentos na capital e regiões do Rio dos Sinos e do Rio Caí, e alguns na política municipal, como no caso de Felipe Carlos Trein que foi vereador em São Sebastião do Caí (MARTINY, 2010).

⁹ APERS, Acervo do Judiciário, Porto Alegre, Juízo de Orphãos, Ação Judicial de Inventário, Processo n°101, f. 34v-41v. Ano: 1887. Inventariado: Mathias Bins. Inventariante: Elisa Bins.

¹⁰ Mais sobre em: (LOPES.NOLL. s/d)

No que tange ao âmbito político, nota-se nomes como Ramiro F. Barcellos¹¹, o Conselheiro Gaspar Silveira Martins¹², o Barão de Jacuhy (Francisco Pedro Buarque de Abreu)¹³, o Barão de Nonohay (João Pereira de Almeida)¹⁴, Joaquim Silveira Salgado¹⁵, todos esses com suas trajetórias relacionadas a política imperial, posteriormente ao Partido Liberal, e também, ao Partido Republicano Riograndense. Além desses nomes identificados, há nomes que chamam atenção para o cargo público, mas que não foi possível identificar a identidade nesse momento. Nessa condição, conforme registrado, está o Desembargador Orlando, o Desembargador Monteiro Costa e o Comendador Lisbôa. Esses nomes fortalecem a asserção sobre a importância desse negócio comercial para a composição e conservação de uma rede da família com diferentes grupos do poder riograndense.

O inventário *post-mortem* é um retrato do patrimônio de uma família, no momento da morte do inventariado. Nele verifica-se que além da alfaiataria denominada M.J. Bins & Cia, que tinha como sócio Jacob Sehl, irmão de Elisa, consta uma casa na Rua Riachuelo, possivelmente onde a família residia, um terreno, dívidas ativas¹⁶ e ações em empreendimentos e sociedades do estado.

O monte-mor, valor correspondente à totalidade de bens do inventariado sem desconto das dívidas ativas e custos do processo é de 250:388,478, enquanto o monte-menor, valor equivalente a totalidade dos bens já descontado as dívidas e os encargos, ou seja, o valor real a ser partilhado entre os herdeiros é de 215:930,838. Carina Martiny (2010) analisando os inventários dos vereadores de São Sebastião do Caí, sendo que parte significativa deles é composta por teuto negociantes, apresenta uma lista com o valor monte-mor de cada um. Entre esses, apenas dois ultrapassam os 100 contos de réis, Felipe Carlos Trein, com 166:999\$560 e Pedro Noll, com 210:899\$500. Já em Santa Maria, Fabricio Nicoloso (2013, p. 122-123) investigando os inventários

¹¹ Deputado provincial de 1877 à 1882, e Senador de 1900 à 1906. Na lista constam outros nomes registrados com sobrenome F. Barcellos.

¹² Maior adversário das políticas do PRR, foi deputado provincial e geral, senador, ministro da Fazenda, Conselheiro do Rio Grande do Sul e Presidente da Província. Fundou em 1865 o jornal *A Reforma* que posteriormente seria o mais importante órgão dos federalistas no estado. Mais sobre em: (ROSSATO, 2014;2020).

¹³ Militar no Brasil Imperial que atuou na Revolução Farroupilha. Após o término da guerra se retirou do exército e esteve envolvido na fundação de alguns municípios gaúchos, contudo retorna sua atividade militar na Guerra do Paraguai. Mais sobre em: (RIBEIRO, 2021).

¹⁴ Abolicionista, foi delegado e comandante da Guarda Nacional em Santa Maria e presidente do Partido Conservador.

¹⁵ Pai do senador Joaquim Salgado Filho. Foi deputado provincial e General no Império.

¹⁶ Três hipotecas nos seguintes nomes e valores: Carlos Sehl= 4:054\$540, (Mathias?) José Sehl= 11:607\$140 e Maria (Barbosa?) Nielsen= 25:000\$000.

da elite teuta, mostra uma realidade semelhante à do Caí, onde apenas um dos inventariados apresenta monte-mor maior de 100 contos, sendo ele João Apple com 210:899\$500.

Além disso, observando os dados das pesquisas citadas, nota-se que o capital herdado na partilha por cada um dos filhos de Mathias, 10:796\$541, é considerável dentro do grupo, visto que dos 12 inventários analisados por Nicoloso (2013), 5 apresentam capitais menores de 10 contos de réis, ao tempo que no trabalho de Martiny (2010), 10 dos 23 analisados apresenta capital de 10 ou menos contos de réis.

Comparando os levantados de Mathias a aqueles apresentados por Nicoloso (2013) e Martiny (2010) percebe-se que o capital de Mathias ultrapassa ao dos sujeitos dos dois municípios analisados pelos pesquisadores. Logo, entendendo que Mathias Bins concentrava capital social e que seus capitais econômicos são significativos dentro do grupo teuto, pode-se considerar Mathias Bins como sujeito com capitais econômicos relevante entre eles.

Tabela 2: Ações de Mathias Bins.

Ações		
Banco da Província	20	40:000,000
Estrada de Ferro de Porto Alegre à Novo Hamburgo	11	220,000
Companhia de Vapor Barão do Cahy	20	800,000
Companhia de Seguros Terrestres Porto-Alegrense	10	2:000,000
Sociedade Comanditária Rheingantz	20	10:000,000
Sociedade Germânica	10	300,000

Fonte: APERS. Inventário de Mathias Joseph Bins. 1887.

Em relação as ações, nota-se que o investimento maior era feito no Banco da Província. Sandra Pesavento (1985) ao falar sobre a construção do capital bancário no estado, atenta para duas articulações, uma que diz respeito aos bancos financiarem a criação de empresas industriais, e outra sobre os próprios empresários industriais e comerciantes encontrarem nos bancos uma forma de diversificar e multiplicar seus capitais anteriormente acumulados. Analisando o monte-mor de Mathias Bins, vê-se que houve uma preocupação em não fixar seu capital apenas no negócio comercial, mas de fracionar uma parte, ainda que pequena, em ações de diferentes

companhias, sociedade e bancos, prática comum entre a elite econômica a nível nacional (VARGAS, 2016) e a nível regional (MARTINY, 2010; NORONHA, 2012; FERRARETTO, 2017). Nesse sentido, para além do Banco da Província evidencia-se o considerável capital em ações na Sociedade Comanditária Rheingantz, complexo fabril do ramo têxtil localizada na cidade de Rio Grande, vinculando Mathias Bins à elite empresarial localizada em outra região do estado.

As redes de acionistas mostram sistemas complexos que indicam um esquema de ajuda mútua. Esses empresários empregavam capital nos negócios uns dos outros. Para quem iniciava o empreendimento, significava ter fundos para dar sequência aos seus projetos. Para o investidor, havia uma expectativa de lucros futuros e poupança (FERRARETTO, 2017, p. 146-147)

Os investimentos no setor de transportes, nesse caso na Companhia de Seguros Terrestres Porto-Alegrense, fundada em 1879, na Companhia de Vapor Barão de Cahy que fazia o transporte de cargas e passageiros entre São Sebastião do Caí e Porto Alegre, e na Estrada de Ferro que conectava a capital à Novo Hamburgo, atenta para o investimento no setor que vinha a privilegiar o negócio principal, nesse caso, o comércio. Já as ações na Sociedade Germânia, que naquele momento era a mais representativa da comunidade teuto porto-alegrense enriquecida, espaço que mantinha o sentimento identitário do grupo, que proporcionava celebrações, eventos sociais e a discussão sobre temas diretamente relacionados a situação da Alemanha e dos alemães no Brasil, diz muito mais sobre uma questão de ordem simbólica do que econômica. Investir na sociedade poderia significar um símbolo de distinção dentro do grupo teuto, assim como, mostra o alinhamento com a identidade da entidade e o desejo que ela continue a prosperar.

Para além do inventário, no periódico *A Federação*¹⁷ encontrou-se o nome de Mathias Bins relacionado à importação de a vinhos, 40 caixas em 1885, e uma caixas de tecidos e aviamentos como caxemiras, sedas, lã, linho e botões em 1887. A importação de vinhos era uma prática comum entre os imigrantes do Mosela, e Mathias, assim como outros imigrantes, se aventurou nesse negócio. Contudo, concorda-se com Haike Roselane da Silva, que ao comentar a experiência de Aloys Friederichs com sua adega, diz que esse não era um investimento apenas financeiro, mas que: “[...] era um lugar de nostalgia; era ainda um espaço de constituição de redes de sociabilidade, onde frequentemente ocorriam encontros e festejos da elite teuta porto-alegrense (SILVA, 2005, p. 79)”. Assim sendo, entende-se que o vinho não traz ganhos financeiros significativos a Mathias Bins, mas que a bebida contribui na manutenção das suas relações sociais com o grupo teuto.

¹⁷ Órgão ligado ao Partido Republicano Riograndense que começou a circular pelo estado a partir de janeiro de 1884.

Estratégias de reprodução dos capitais familiar

Assim como o capital econômico e o capital social construído por Mathias foi importante para que o sobrenome Bins permanecesse e ascendesse entre as elites porto-alegrense, também houve um investimento da família no capital cultural, entendido por Bourdieu como o agrupamento de conhecimentos, competências, experiências e habilidades obtidas ao longo da vida (BOURDIEU, 2011). Bourdieu ainda distingue diferentes formas do capital cultural como o incorporado, que são as habilidades e conhecimentos adquiridos por meio da educação e socialização, o capital cultural objetificado que é aquele adquirido na materialidade dos objetos culturais, como obras de arte, filmes, livros e instrumentos musicais, e o capital cultural institucionalizado que são as certificações institucionais formais, como os diplomas acadêmicos.

O capital cultural, que pode ser transmitido e adquirido, se manifesta nas práticas, nos comportamentos e no *habitus* dos indivíduos. A participação em eventos, as associações em clubes, as viagens e a presença em determinadas instituições escolares, são práticas de investimento nesse capital, e as estratégias familiares no direcionamento da trajetória dos seus filhos, são essenciais para a composição de um capital cultural relevante.

Não poderíamos nos limitar ao estudo da composição econômica das fortunas para compreender sua constituição, sua manutenção, sua transmissão ou seu crescimento. Há a pluridimensionalidade da riqueza nos grupos que ocupam as posições dominantes e as famílias mais ricas se caracterizam por uma «obsessão pela transmissão»; eles gerem com vigilância a educação, as alianças matrimoniais dos filhos, os espaços de residência e de encontro, as relações (SAINT MARTIN, 2008, p. 57)

No inventário de Mathias notamos que o item mais valioso de sua casa é um piano, objeto de distinção cultural, símbolo de modernidade assim como salienta (VARGAS, 2013, p. 164), ou seja, um objeto que representa o capital cultural objetificado. Porém, o fato que especialmente interessa essa pesquisa e indica um investimento no capital cultural da família é que Mathias envia seus filhos para formação no exterior.

No momento do levantamento do inventário de Mathias Bins, agosto de 1886, seus filhos Alberto, José Carlos e Elisa com respectivamente 17, 15 e 14 anos, residiam do outro lado do Atlântico. Alberto em Frankfurt, no centro econômico alemão, possivelmente onde era aprendiz em alguma fábrica, José Carlos e Elisa em Wiesbaden, região onde a família paterna

tinha parentes. Para resolver a questão da representação legal, os herdeiros enviaram uma procuração outorgando à mãe o direito de os representar juridicamente¹⁸.

Alberto Bins estudou em instituições da elite, como o Colégio Conceição dos Jesuítas, em São Leopoldo, porém analisando sua trajetória percebemos que a sua distinção não veio a partir da formação escolar adquirida no Brasil ou no estrangeiro, mas da formação e experiência profissional angariada principalmente no exterior. Bourdieu chama atenção para esse traço ao comentar as estratégias culturais da burguesia nesse sentido.

Com a única condição de que possua o conjunto dos traços distintivos – postura, garbo, atitude, dicção e pronúncia -, maneiras de ser e usos sem os quais, pelo menos nesses mercados, o valor atribuído a todos os saberes de escola é reduzido ou nulo; além disso, em parte – por nunca, ou nunca completamente terem sido ensinados pela Escola -, esses traços definem propriamente falando, a distinção burguesa (BOURDIEU, 2011, p. 87).

Alberto Bins retorna ao Brasil sem um título acadêmico, porém com uma bagagem profissional adquirida nas indústrias europeias. A data do seu retorno ao Brasil é controversa, em seu livro de memórias é citado que o retorno ocorre em 1890, todavia no dia 21 de novembro de 1888 seu nome está na ata de fundação do clube de remo *Ruder Club*, juntamente com aquele que seria seu futuro padrasto, Balduino Röhrig e outros alemães e descendentes. Naquele momento o remo ainda não era uma prática esportiva em Porto Alegre e o interesse em criar um clube surgiu a partir de jovens que tinham tido contato com a prática na Alemanha.

A primeira vitória coube ao mais jovem sócio fundador, Alberto Bins, que obteve de sua mãe, um empréstimo sem juros, de Rs 700\$000, quantia suficiente para a compra de dois barcos na Europa, excluído o frete marítimo. O resgate do empréstimo, deveria ser feito em prestações mensais de Rs 50\$000. A segunda vitória coube a um grupo de associados que conseguiu o transporte gratuito de dois barcos da Alemanha até Porto Alegre, graças ao agente em nossa capital da 'HAMBURG SUEDAMERIKANISCHE DAMPFSCIFFFAHRTS GESELLSCHAFT' (LICHT, 2001, p. 2).¹⁹

O casamento de Alberto Bins com Clotilde Christoffel ocorreu apenas em 1893, porém as atas do clube de remo nos mostram que eles já se conheciam há alguns anos. Na reunião de 03

¹⁸ Esse documento foi traduzido em março de 1887, pois chegou redigida em alemão. Mesmo que tratando em primeira pessoa, é provável que a procuração não tenha sido redigida pelos herdeiros que no documento tem seus nomes assinalados com a grafia estrangeira: Elise, Albert e Joseph Carl, além disso, todos eles eram alfabetizados e fluentes na língua portuguesa. Logo, é provável que a procuração tenha sido feita por um representante legal da família.

¹⁹ Henrique Licht foi um entusiasta e pesquisador dos esportes, em especial do remo. Ao longo de sua trajetória construiu um arquivo pessoal sobre o esporte, coleção essa que foi doada para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul no início da década de 2000. O texto citado é um documento que integra o arquivo, que hoje se encontra digitalizado. Nele, o pesquisador traduz e comenta parte das atas e do estatuto do *Ruder Club*, documentos os quais foram originalmente redigidas em alemão até o ano de 1914.

de janeiro de 1889 Alberto Bins informa que Elisa Bins (possivelmente a irmã), Anna Christhoffel, Clothilde Christhoffel, Olga Englert, Sinhá Bastian, Elisa Issler e Malvina Issler, haviam se oferecido para bordar uma bandeira para o clube.

Frederico Christhoffel, pai de Clotilde e Ana, além de ter atuado como comerciante de vinhos e fabricante de vinagres, era proprietário de uma cervejaria na cidade. Sua esposa, Catharina Carolina Daudt era sobrinha de Carlos Daudt, que importava ferro sueco e ferramentas. (GANS, 2004, p. 52)

Assim como Alberto, outros filhos e filhas de Mathias Bins também se casaram com moças e rapazes de famílias envolvidas no clube. Em 1891 a irmã Elisa Bins se casa com Luiz Guilherme Köhler, que foi presidente do clube por 7 anos consecutivos entre 1907 e 1914, e era filho de Nicolau Köhler que possui um negócio de importação e exportação (LAEMMERT, 1891-1940) e fez a encomenda dos primeiros barcos do clube em 1888 (LICHT, 2001). Frederico Bins se casa com Brunhilde Clementina Becker, filha de Pedro José Becker, sobrenome envolvido em diferentes negócios da capital, especialmente no ramo metalúrgico²⁰ e que está relacionado ao clube a partir de João Becker, possivelmente irmão de Brunhilde. Já Rodolpho Bins casou-se em 1919 com Irma Malvina Anna Englert, filha de Malvina Carolina Issler, uma das bordadeiras da bandeira do clube e neta de Adolpho Englert, encontrado por Gans (2004, p. 65) como ferreiro, comerciante e importador de ferro.

A partir dos matrimônios citados acima, percebe-se que o *Ruder Club* para além de um espaço da prática esportiva e de valorização da cultura e língua alemã, foi um clube social, um espaço de encontro e aproximação dos jovens de algumas famílias teutas de negócios em Porto Alegre.

As famílias de elite no século XIX são dotadas de estratégias para que seu nome permaneça e ascenda no poder, e casar bem seus filhos e filhas era um critério fundamental. Jonas Vargas (2007) mostra que muito mais do que os partidos, era a engenharia matrimonial que estruturava a elite política local. Ao visar o grupo teuto e empresarial, estudos como o de Martiny (2012) e Lopes (2022) tem mostrado que a família também tem um papel central na determinação das elites e organização poder regional. O fato de Elisa Bins ter ajudado financeiramente o *Ruder*

²⁰ Os irmãos Peter Joseph, Jakob e Nikolau Becker, são conhecidos por serem inauguradores da indústria metalúrgica e naval no estado a partir de uma fábrica de máquinas, de uma fundição de ferro e bronze e do estaleiro Becker, negócios que surgem por volta de 1859 (PESAVENTO, 1991, p. 43). Em 1865 Emmerich Berta migrou da Europa para o Brasil justamente para trabalhar com esses irmãos, posteriormente se separando e construindo negócio próprio (GANS, 2004, p. 86). Essa pesquisa parte do pressuposto de Pedro José e Peter Joseph são a mesma pessoa.

Club fazendo um empréstimo para que adquirissem os primeiros barcos, indica que ela validava e incentivava a associação desses jovens. Ellen Woortmann (1995) percebe que nas colônias teutas as mulheres casadas exerciam o papel de casamenteiras, recrutando e unindo jovens, inclusive seus filhos, para os fins matrimônias. Tendo isso em vista, talvez ao realizar o empréstimo, Elisa também tivesse exercendo sua função casamenteira, visualizando como também um investimento nos futuros casamentos de seus filhos que poderiam surgir a partir das amizades que o clube poderia construir e fortalecer. Amizades com aquelas moças e moços de famílias da elite, fluentes em alemão, alguns que estavam retornando de uma temporada no exterior assim como seus filhos, jovens com acesso à cultura, a diferentes relações sociais, a negócios comerciais e industriais, capitais dos seus mais diversos tipos que poderiam ser associados ao dos Bins.

Além dos matrimônios citados com relação direta ao clube, outro que chama especial atenção é o de Otilia Bins com Hugo Carl Wilhelm Gerdau em 1909. Otilia faleceu em 1912, com apenas 28 anos de idade, deixando duas filhas Helda e Lisolotte, com respectivamente 2 e 1 ano de idade. O inventário do casal aberto logo após a morte de Ottília revela um capital de 245.454\$750 contos de réis formado principalmente por imóveis, esses contabilizando 62:000\$000, e a parte de Hugo na empresa João Gerdau & Filho, 64:034\$950²¹. João Gerdau migrou para o Rio Grande do Sul em 1896 e construiu amplo capital comercial na Colônia de Santo Ângelo, convertendo-o para a indústria no início do século XX quando adquiriu a Fábrica de Pregos Pontas Paris, que logo passou a ser administrada por seu filho Hugo (MELO, 2017, p.149-150).

Observa-se que as famílias que se uniram a partir do matrimônio à segunda geração dos Bins em Porto Alegre, tem seus sobrenomes relacionados ao comércio de ferros e ferramentas e a indústria metalúrgica, posteriormente, siderúrgica. Tendo isso em vista, entende-se que esses arranjos familiares proporcionaram à família uma troca de experiências, contatos, serviços e sociedades no ramo, importantes para que posteriormente a família se fortalecesse e consolidasse seu nome no setor, especialmente, mas não somente²², a partir de Alberto Bins.

²¹ Além desses, o capital do jovem casal é composto por dívidas ativas e de ações no Banco da Província (11:120\$000), na Companhia Fábrica de Papel e Papelão (3:000\$000) e na empresa Jacob Becker & Cia (1:000\$000), essa última trazendo uma relação entre a família Gerdau e a família Becker, citada anteriormente.

²² Após o falecimento de Hugo Gerdau, quem tomou conta dos negócios da família foi marido da primogênita de Ottília Bins (MELO, 2017). Entretanto, como filha e neta mulher, o sobrenome Bins se perdeu, sendo pouco relacionado a história da empresa ainda em atuação.

O setor metalmecânico desenvolveu-se em passos largos na virada do século. Produzindo ferramentas, utensílios, maquinário e altamente envolvido com os setores de transportes e construção. Os comércios e fábricas dedicadas aos metais como ferro, aço e bronze foram essenciais na modernização das cidades e residências, assim como, para o crescimento da indústria gaúcha de outros setores, que antes dependiam completamente da importação.

Outro requisito básico para a instalação de empresas industriais é o da tecnologia. Como se viu, foi ainda o complexo imigração-colonização o responsável tanto pela importação de máquinas necessárias à instalação de uma unidade fabril quanto pela produção interna das mesmas, além da fabricação de peças e a realização de reparos. Desde muito cedo, formou-se num setor metalmecânico no estado, surgido a partir do complexo colonial. As empresas mais significativas foram: Eberle, Berta, Gerdau, Becker, Wallig, Uhr. Apesar de não utilizar matéria-prima de origem pecuária, o setor metalmecânico esteve sempre voltado para esta área da economia em termos de mercado (PESAVENTO, 1985, p. 36).

Logo que retornou para o Brasil, Alberto Bins já com alguma experiência profissional, tinha a disposição não apenas os capitais econômicos construído e deixado pelo pai, mas também suas amizades. Assim, logo após o retorno Alberto se associou ao antigo amigo da família Miguel Friederichs na reorganização de uma sociedade, a *Bins & Friederichs*²³. Pouco tempo depois, associado à firma *Bromberg & Daudt*, Alberto fundou a União de Ferros, também dedicada a importação e comercialização de ferro bruto e materiais de construção (FAUSEL, [1957/1958 ?]; SPALDING, 1973; PESAVENTO, 1991)

Em 27 de junho de 1891, é anexado ao inventário de Mathias Bins que o filho Alberto fez a requisição dos seus bens de partilha, os quais estavam sob guarda do tio, Jacob Sehl, que o entregou juntamente com os rendimentos. Nesse mesmo ano, Bins se torna sócio comanditário da empresa de Emmerich Berta, assumindo sua direção anos depois, em 1904, quando decide abandonar o comércio e investir na indústria. A fábrica que mesmo após a aquisição de Alberto

²³ “O processo nº 1441 da Junta Comercial do Rio Grande do Sul (JCRS) apresenta um contrato de sociedade, assinado entre Alberto Bins e Miguel Friederichs, de um estabelecimento de “comércio de importação de ferro e máquinas, materiais de construção e qualquer outro ramo de negócio que possa convir”. “O capital social é de 274:367\$240, pertencendo ao sócio Alberto Bins 137:767\$080 e ao sócio Miguel Friederichs 136:600\$160. Fazem também parte dos bens sociais os terrenos e prédios nº 54, 56 e 58 sitos à rua dos Voluntários da Pátria nesta capital”. É curioso, entretanto, que o documento seja de 10 de agosto de 1895. Não se trata de alteração de contrato, mas do contrato em si. Talvez a sociedade tenha se formado já em 1888, como informa o almanaque da Casa Aloys, e a inscrição na Junta tenha sido feita apenas em 1895. A nota da venda da oficina de mármore para Jacob Aloys, datada de 1º de fevereiro de 1891 e publicada no almanaque “Noticiário Semanal...”, já apresenta a razão social Bins & Friederichs como a vendedora do patrimônio” (SILVA, 200, p. 73).

Bins continuou a se chamar Berta, produzia camas, fogões e prensas, mas sua especialidade eram os cofres, sendo a maior do gênero no país, abastecendo bancos nacionais e internacionais²⁴.

A fundição Berta ganhou impulso particularmente após 1904, quando Bins passou a se dedicar a ela, retirando-se da União de Ferros. Em 1907, a Berta já possuía três estabelecimentos: uma fábrica de cofres, um estaleiro e oficina mecânica e a Fundição Fênix. Para se ter uma ideia da expansão da empresa, basta avaliar as transformações ocorridas na fabricação de cofres, que, de um processo artesanal, evoluiu para um sistema que passou a contar, em 1907, com 94 máquinas, na sua maioria movida a vapor, ocupando 260 operários diariamente (PESAVENTO, 1991, p. 42)

Em 1901 Alberto Bins ingressa no Partido Republicano Riograndense, colocando o sobrenome Bins também dentro da política regional. Foi eleito Conselheiro Municipal em 1908, Deputado Estadual em 1913 e 1918, Vice intendente em 1924 e por ocasião da morte do Intendente Octávio Rocha, assumiu a Prefeitura de Porto Alegre em 1928, cargo que ficou até 1937. A participação de Alberto Bins na política municipal e estadual, elevou o sobrenome familiar para um espaço que até então não tinham ocupado, ascendendo o sobrenome Bins também entre a elite política do estado.

Considerações finais

Mesmo que possam trazer informações interessantes relativas às camadas mais baixas da sociedade, os inventários são documentos produzidos pelas famílias mais abastadas e mostram principalmente a realidade dessa. Analisando as pesquisas históricas em inventários *post-mortem* no Rio Grande do Sul, percebe-se que até então elas têm se dedicado às elites localizadas ao interior do estado, com suas fortunas especialmente agrárias. Quando se observa o inventário de uma família imigrante, urbana e vivendo na capital, percebe-se uma outra realidade, que exhibe riquezas burguesas que estão atrelada a empreendimentos comerciais, industriais e ações em companhias. Trazer à tona o inventário de Mathias Bins chama atenção para as possibilidades de se trabalhar com esse grupo de imigrantes a partir dessa fonte. As elites teutas e empresariais são constantemente revisitadas pelos estudos genealógicos, e pelas produções memorialísticas das empresas ainda em atuação, contudo a historiografia, em especial a História Social da Política ainda muito tem a nos revelar e tensionar sobre as relações e articulações desses grupos e os inventários se mostram como fonte em potencial.

²⁴ Hoje é possível encontrar cofres Berta na Ferragem Feldmann na cidade de São Leopoldo e no Farol Santander em Porto Alegre, prédio que no passado serviu como sede do Banco da Província e do Banco Nacional do Comércio.

A partir do inventário de Mathias Bins se reconheceu e discorreu sobre os diferentes capitais que o imigrante trouxe da sua terra natal e construiu na Porto Alegre daquele período. Mostrando que seus filhos não herdaram apenas o patrimônio financeiro paterno, mas suas relações, heranças essenciais para que o sobrenome familiar permanecesse e ascendesse entre os nomes do poder.

Perseguindo o sobrenome Bins, percebe-se que negócios, etnia e família são indissolúveis no interior do grupo que se entende como elite teuta gaúcha. Também se visualiza que na sociedade porto-alegrense de fins do XIX os sobrenomes fornecem informações importantes sobre como os diferentes grupos, se organizam, classificam e estruturam. Assim, uma análise a partir deles podem apontar estratégias utilizadas pelos agentes para alcançar espaços de poder em diferentes âmbitos da sociedade, seja político, econômico ou cultural, por meio da conversão e combinação de capitais.

Referências bibliográficas

Fontes:

APERS, Acervo do Judiciário, Porto Alegre, Juízo de Orphãos, Ação Judicial de Inventário, Processo nº101. Ano: 1887. Inventariado: Mathias Bins. Inventariante: Elisa Bins.

APERS, Acervo do Judiciário, Porto Alegre, Juízo de Orphãos, Ação Judicial de Inventário, Processo nº103. Ano: 1912. Inventariada: Otília Bins Gerdau. Inventariante: Hugo Carl Wilhelm Gerdau.

Arquivo da Arquidiocese de Porto Alegre. Igreja Católica do Rosário. Batismos 1859-1871. Microfilmado em 1984. *FamilySearch*. Microfilme: 004016121. Disponível em: < <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-FDFV-V?mode=g&cat=395848> > Acesso em: 21 de novembro de 2022.

Arquivo da Arquidiocese de Porto Alegre. Igreja Católica Nossa Senhora Madre de Deus. Óbitos 1867-1883. Microfilmado em 1984. *FamilySearch*. Microfilme: 4635556. Disponível em: < <https://www.familysearch.org/search/film/004635556?i=310&cc=2177295> > Acesso em: 21 de novembro de 2022.

Arquivo da Arquidiocese de Porto Alegre. Igreja Católica Nossa Senhora Madre de Deus. Batismos 1858-1877. Microfilmado em 1984. *FamilySearch*. Registros paroquiais, 1772-1924.

Microfilme: 004635549. Disponível em: <
<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-WZ3X-FN?cc=2177295> > Acesso em: 21
de novembro de 2022.

Arquivo da Arquidiocese de Porto Alegre. Igreja Católica Nossa Senhora Madre de Deus. Batismos 1877-1893. Microfilmado em 1984. *FamilySearch*. Registros paroquiais, 1772-1924. Microfilme: 004016118. Disponível em: <
<https://www.familysearch.org/search/film/004016118?i=130&cc=2177295> > Acesso em: 21
de novembro de 2022.

Arquivo da Arquidiocese de Porto Alegre. Igreja Católica São José dos Alemães. Batismos 1871-1886, 1891-1917. Microfilmado em 1984. *FamilySearch*. Registros paroquiais, 1772-1924. Microfilme: 004016114. Disponível em: <
<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-FDZT-5?mode=g&cat=394746>>. Acesso
em: 21 de novembro de 2022.

LAEMMERT, Eduard. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940. **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Acesso em: 19 de outubro de 2022. Disponível em: <
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=&pagfis=1>>.

LICHT, Henrique. Ruder Club Porto Alegre (1888- 1917). Subsídios históricos. **Centro de Memória do Esporte**. 2001. Acesso em: 22 de outubro de 2022. Disponível em: <
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/71061>>.

Registro Civil de Porto Alegre: 1876-2002. Óbitos 1857-1963. Microfilmado em 2002. *FamilySearch*. Microfilme: 004103441. Disponível em: <
<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99L5-WHP1?cc=3741255> >. Acesso em:
22 de novembro de 2022.

Registro Civil de Porto Alegre: 1876-2002. Óbitos 1860-2006. Microfilmado em 2002. *FamilySearch*. Microfilme: 004103549. Disponível em: <
<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99L5-WHP1?cc=3741255> >. Acesso em:
22 de novembro de 2022.

Referências:

- ASSIS, Célia de. TEIXEIRA, Francisco (org). **Chama empreendedora: a história e a cultura do Grupo Gerdau.** São Paulo: Prêmio. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre/RS: Zouk. 2011.
- BRAUN, Felipe Kuhn. BLUME, Sandro. **Alemães em Porto Alegre.** São Leopoldo: Oikos, 2022.
- DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900).** Porto Alegre: Globo, 1971.
- FAUSEL, Erich. **Alberto Bins: O merlense brasileiro.** São Leopoldo /RS: Rotermond & Cia. LTDA. [1957/1958 ?].
- FERRARETO, Karina. **Sociedades nem tão anônimas: um estudo prosopográfico sobre a elite empresarial de Rio Grande (1884-1913).** Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX, 1850-1889.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/ ANPUH-RS. 2004.
- GERTZ, René. A República no Rio Grande do Sul: política, etnia e religião. **História Unisinos.** v. 14, n. 1, janeiro/abril de 2010.
- GERTZ, René. **O aviador e o carroceiro.** Política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre/RS: EDIPUC. 2002.
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.
- LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOPES, Jéssica Bitencourt. Uma sociedade formada por Trein, Mentz e Renner: Uma pesquisa sobre as indústrias A.J. Renner de Porto Alegre / RS e seus empresários. **Revista Cantareira,** n.36, 2022.

LOPES, Raimundo Helio. Noll, Izabel. Germano Hasslocher. In: **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Acesso em: 20 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/HASSLOCHER,%20Germano.pdf> >

LUZ, João Hecker. **Jacob Kroeff- Jacob Kroeff Filho – Jacob Kroeff Neto: o hoteleiro, o Coronel e o intendente – 1855 a 1966**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2010.

MELO, José Lannes. Os Gerdau-Johannpeter: a via industrial pesada gaúcha. In: CAMPOS, Pedro Henrique. BRANDÃO, Rafael. **Os donos do capital: A trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro** (org.). Rio de Janeiro: Autografia. 2017, p. 140-169.

NADALIN, Sergio Odilon. BIDEAU, Alain. How German Lutherans became Brazilians: A methodological essay. **History of the Family**, v. 10, n.1, 2005.

NORONHA, Andrius Estevam. **Beneméritos empresários: história social de uma elite imigrante do sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905-1966)**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A burguesia no Brasil: da sombra para a luz. **Cadernos de Estudo. Curso de Pós-Graduação em História da UFRGS**, n. II. Porto Alegre. 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da Indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os industriais da república**. Porto Alegre: IEL, 1991.

PIASSINI, Carlos Eduardo. **A participação política de imigrantes germânicos no Rio Grande do Sul: Os Brummer Kahlden, Haensel, Koseritz e Ter Brügggen, 1851-1881**. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

RIBEIRO, José Iran. **As “surpresas” de Chico Pedro, as astúcias de Morigue: Francisco Pedro de Abreu, o Barão de Jacuí**. 2ª edição [e-book]. São Leopoldo: Oikos. 2021.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. 2º Ed. São Leopoldo: Oikos. 2022.

ROSSATO, Mônica. **Gaspar Silveira Martins e a Revolução Federalista (1893-1895: que federalismo era esse?**. Tese (Doutorado em História). Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria. 2020.

ROSSATO, Mônica. **Relações de poder na região fronteira platina: família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins**. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria. 2014.

SAINT MARTIN, Monique. Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França. **Tomo**, n. 13. 2008.

SILVA, Haïke Roselane Kleber. **A trajetória de uma liderança étnica. J. Aloys Friederichs (1863-1950)**. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

SILVA, Jaqueline Padovani da. **“Destá para a melhor”**: a presença das viúvas machadianas no *Jornal das Famílias*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a corte: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889)**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

VARGAS, Jonas Moreira. **Os Barões do charque e suas fortunas: Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX)**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

VARGAS, Jonas Moreira. Uma fonte, muitas possibilidades: as relações sociais por trás dos inventários *post-mortem*. In: **Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG). 2013, p. 155-179.

WEIMER, Gunter. Alemães em Porto Alegre. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 161, 2021, p. 53-82.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Os comos do nome: desencontros e encontros entre microanálise e estudos de nomenclatura. Um balanço historiográfico e uma proposta de pesquisa. In: MARTINS, Maria Cristina Bohn e MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Uma história em escalas. A microanálise e a historiografia latino-americana.** São Leopoldo: Óikos, 2012, p. 181-215.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, parentes e compadres.** Colonos do Sul e Situatedes do Nordeste. São Paulo: Editora Hucitec. 1995.

ZONABEND, Françoise. Le Nom de personne. **L'Homme**, v.20, n.4, p.7-23, 1980.